

**SEÇÃO LIVRE**  
ARTIGOS

**A coleção Perfis Brasileiros: um estudo da biografia  
no mercado editorial brasileiro\***

Diogo da Silva Roiz\*\*

---

**Resumo:**

O objetivo deste texto é estudar de que maneira está sendo trabalhada a biografia no mercado editorial brasileiro, tendo por base a coleção *Perfis Brasileiros*, publicada pela Editora Companhia das Letras, a partir de 2006, e que conta atualmente com 11 títulos. Procura-se analisar de que maneira os autores dos textos procuraram apreender as discussões sobre história e biografia, por meio do estudo das biografias de *D. Pedro II*, escrita por José Murilo de Carvalho, e de *Getúlio Vargas*, escrita por Boris Fausto.

**Palavras-chave:** Biografia; História; Mercado editorial brasileiro.

---

**Abstract:**

The objective of this article is to study how the biography is being worked in the Brazilian publishing business, analyzing the collection *Perfis Brasileiros*, available by the publishing house *Companhia das Letras*, since 2006, and that currently has 11 titles. We search to analyze how the authors of the texts apprehended the discussions about history and biography, by studying the biographies of *D. Pedro II*, written by José Murilo de Carvalho, and *Getúlio Vargas*, written by Boris Fausto.

**Keywords:** Biography; History; Brazilian publishing business.

---

---

\* Esta pesquisa foi apresentada inicialmente como trabalho de conclusão da disciplina: Tópicos especiais de História Contemporânea, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joseli Maria Nunes de Mendonça, no curso de doutorado em História da UFPR, no primeiro semestre de 2011, a quem agradeço pelos comentários, sugestões de leitura e críticas.

\*\* Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Professor da UEMS. E-mail: diogosr@yahoo.com.br.

## Introdução

O objetivo deste texto é estudar de que maneira está sendo trabalhada a biografia no mercado editorial brasileiro, tendo por base a coleção *Perfis Brasileiros*, publicada pela Editora Companhia das Letras, de São Paulo, a partir de 2006, e que conta atualmente com 11 títulos, dos quais 9 foram escritos por historiadores profissionais. Procura-se analisar de que maneira os autores dos textos procuraram apreender as discussões sobre história e biografia, por meio do estudo das biografias de *D. Pedro II*, escrita por José Murilo de Carvalho, e de *Getúlio Vargas*, escrita por Boris Fausto.

A escolha desta coleção, e não de outra, deve-se, principalmente, a dois pontos: primeiro, a maioria dos textos foram escritos por historiadores profissionais, fato, aliás, digno de nota, visto que a maioria das biografias publicadas no mercado editorial brasileiro até então foram escritas por jornalistas (Cf. BORGES, 2005, pp. 203-34); segundo, a coleção é coordenada por um jornalista, Elio Gaspari, e uma historiadora, Lilia M. Schwarcz, e é publicada por uma editora de ampla circulação nacional, com um significativo histórico de publicação de biografias, além de ser voltada tanto para o público especializado quanto para o geral.

A importância desse tipo de trabalho está não apenas em circunstanciar de que modo os estudos biográficos estiveram recentemente inseridos no mercado editorial brasileiro, mas também em indicar de que maneira os personagens estudados são analisados, por meio do exemplo, da peculiaridade, isto é, das anedotas que configuram a personalidade e dão sentido à trajetória do biografado, e do contexto histórico no qual viveram e fizeram suas escolhas, deixando suas marcas, enquanto moviam suas ações, em busca de possíveis *mudanças* ou *continuidades* em relação aos sistemas políticos, econômicos e socioculturais dos quais fizeram parte em suas épocas, e que possibilitaram a constituição de seus *perfis* para a posteridade. Nesse sentido, podemos nos questionar: quais os traços da narrativa contidos nessas biografias? Como foram feitas e que preocupações tiveram? De que maneira trataram seus personagens?

Por outro lado, o exemplo indicado por François Dosse (2009, p. 19-54), ao estudar o mercado editorial francês e suas peculiaridades em relação ao estudo e a produção de biografias, demonstra como esse tipo de estudo pode ser promissor. Primeiro, porque indica de que maneira estão distribuídas as coleções, editores e autores, e a forma com que tratam os estudos biográficos e produzem suas biografias. Segundo, porque fornece subsídios para se vislumbrar a variedade do mercado editorial no trato com o tema (identificando o número das tiragens, o número médio de edições e de vendas por título, o público-alvo, os aspectos teóricos e metodológicos dos textos, etc.), visando abranger determinados públicos, com vistas à captação de maior lucratividade. Terceiro, por fornecer indicadores de como o mercado pensa os públicos especializados (de nível universitário) e o público em geral de leitores de biografias. Quarto, indica a variedade de formas de se escrever uma biografia, e como o mercado editorial definia suas escolhas, de acordo com os públicos visados; indo dos modelos clássicos de abordar a vida, de forma cronológica e linear, por meio de anedotas que definiam o caráter e a conduta dos biografados, até textos mais complexos, nos quais se evidenciavam as contradições na personalidade, e em suas escolhas, em função dos dilemas vividos pelos indivíduos, que os tornavam multifacetados ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, o autor também procura evidenciar as razões que fizeram com que os estudos biográficos recebessem tamanha atenção do mercado editorial francês (quanto de outros países), depois dos anos de 1980, principalmente, em função da renovação da história política e dos estudos biográficos.

### **A biografia na História, a história na biografia**

Contudo, se os estudos biográficos voltaram a chamar a atenção dos estudiosos, em função do aumento considerável da produção de biografias nas últimas décadas, é preciso questionar quais os caminhos e descaminhos que a própria biografia seguiu na História, e quais os distanciamentos e as aproximações que se deram entre história e biografia (Cf. MALATIAN, 2008,

p. 16-32). Ao mesmo tempo, é necessário ainda ter em conta de que maneira os estudos biográficos foram pensados, criticados, negados e praticados ao longo do tempo (Cf. DOSSE, 2009). Na impossibilidade de pormenorizar todos os momentos decisivos desse tenso debate, apenas procuraremos esboçar um rápido resumo, e que nos servirá para observar como tais modelos foram úteis para os homens de letra no Oitocentos brasileiro se inspirarem para escreverem suas biografias.

Para Momigliano (1993), a biografia nasce no século V antes de Cristo; mas não há evidências seguras para informar se não foi praticada anteriormente, em vista da falta de documentos. A biografia apareceria tanto inscrita em pinturas de vasos, em tragédias, comédias e dramas como nos relatos de viagens, que esboçavam fragmentos biográficos. No entanto, foi no século IV que o gênero teria se difundido pelo Ocidente, apesar de sua prática não ser tão comum na Grécia. Para ele, a principal função das biografias na Antiguidade era a de construir modelos de conduta, códigos morais para serem seguidos, além de propiciarem a elaboração de uma memória, em geral, exemplar para a posteridade. Para ele Conforme o autor, a biografia grega ainda estaria amparada em modelos. Dosse (2009, pp. 123-51) não terá tamanha preocupação com o surgimento do gênero, mas sim com sua difusão pelo Ocidente. Ao fazer isso, contudo, observa que a noção de indivíduo só aparece na Antiguidade para desenhar o retrato do modelo a ser seguido. O referencial é o 'típico', o modelo, e não o homem e sua singularidade. Para exemplificar os procedimentos que foram utilizados na Antiguidade, ele toma como base as obras de Plutarco, *Vidas paralelas*, de Suetônio, *Vida dos doze Césares*, e de Diógenes Laércio, *Vidas, doutrinas e sentenças de filósofos ilustres*.

Mas, para ambos, haveria certas características que aproximariam história e biografia e outras que as distanciariam. Para eles, ambas surgem no mesmo período, visariam fazer com que o passado dos homens não caísse no esquecimento, além de procurarem fornecer exemplos para serem seguidos ou evitados. Ao fazerem isso, entretanto, a história procurava se amparar num discurso pautado na verdade, enquanto a biografia não se amparava em tal estratégia; a primeira se detinha sobre o ocorrido,

enquanto a biografia se estenderia também para o imaginado; a história apoiava-se exclusivamente em documentos, enquanto a biografia ampliava seus horizontes com o uso da imaginação.

Para Dosse (2009, pp. 151-93), no período medieval assim como na Antiguidade, a biografia também se apresentará como um gênero distinto da história, dando-se o mesmo com a escrita da vida de santos, isto é, as hagiografias, que foram se firmando ao longo deste período. No século XII ocorreria uma transformação no modo de narrar a vida dos santos, em função de um movimento geral em busca da individualização. Para ele, essa mutação terá seu auge nos séculos XV e XVI<sup>1</sup>. A partir do século XVI, amplia-se o processo de individualização, porque esta abordagem também viria a se afastar das “biografias cavaleirescas e das hagiografias para consagrar-se à paixão pelas biografias antigas”. Nesse ínterim, a “escrita mantida entre a exemplaridade moral e a anedota singular tornar-se-á o modelo constitutivo do gênero biográfico nos tempos modernos” (2009, p. 155). No século XVII, o movimento em torno da individualização prossegue. No XVIII, o herói passaria a ser tratado como simples personagem de uma narrativa, onde suas qualidades não seriam mais vistas em bloco, mas sim como uma série de qualidades distribuídas entre certos indivíduos, além de sua acepção carregar também certo tom irônico. Mas nem por isso o “herói” desapareceria do horizonte, visto que passa a ser cogitado na configuração de uma identidade patriótica, em geral, representada pelo

---

<sup>1</sup> Em sua análise dos usos da biografia no Renascimento europeu, Peter Burke (1997, pp. 83-98) procurou analisar de que maneira a ideia de indivíduo teria sido pensada no período. Igualmente observa como a historiografia oitocentista, com base na obra de Jacob Burckhardt (1818-1897), teria pensado a questão. Para ele, não seria a especificidade do indivíduo que prevaleceria nas narrativas, mas sim sua relação com a coletividade. É mais na coletividade que os indivíduos apareceriam. Apesar de construir um painel sobre a época do reinado de Luís XIV, o rei sol, seu objetivo foi justamente o de apreender de que maneira o rei, indivíduo, foi fabricado pelas coletividades, e essa imagem perdurou para a posteridade, principalmente em função da manutenção da “memória coletiva” e dos “lugares de memória” (BURKE, 1994). Desse modo, sua análise permite que verifiquemos as metamorfoses sobre a ideia de indivíduo, as quais o texto de Dosse (2009) procuraria pormenorizar, desde o surgimento do gênero biográfico no Ocidente.

“grande homem”,<sup>2</sup> cujo processo se consolidaria no século XIX (DEL PRIORI, 2009, pp. 7-16). Num outro horizonte, *a história como mestra da vida*, porque fornecedora de exemplos do passado para a orientação dos homens no presente, vai dando lugar progressivamente a uma história processual, que se volta para o futuro (e não para o passado), com vistas à constituição de um projeto de cunho universalizador, delineado pelas “filosofias da história” (KOSELLECK, 2006). Nesse sentido, o texto resume a ascensão e o desenvolvimento do que ele definiu como *idade heróica* da narrativa biográfica; suas principais características e diferenças com relação à pesquisa histórica. E, conforme indica, o século XIX continuou sendo um período fértil para a prática dos estudos biográficos entre amadores e historiadores profissionais – ainda que estes não deixassem de demonstrar suas críticas ao gênero (MALATIAN, 2008, p. 16-32).

Não obstante a pluralidade de formas de se narrar a vida de um indivíduo que poderia ser agrupada nas biografias, as décadas iniciais do século passado vislumbraram, com maior regularidade, os modelos de biografias que se cerceavam em narrativas cronológicas e lineares, nas quais se circunstanciava a vida de um indivíduo como começo, meio e fim previamente definidos, além de procurar deduzir dos exemplos morais, das especificidades físicas e emocionais, e das anedotas singulares, o conjunto de qualidades (e defeitos) que faziam parte do caráter e da personalidade do biografado.<sup>3</sup> Para Dosse (2009, p. 195-228), esse tipo de

---

<sup>2</sup> Por sua vez, o texto de Sabina Loriga (1998, pp. 225-49; 2011) nos informa a multiplicidade de formas de pensar o indivíduo no século XIX (como herói, homem patológico, homem-partícula, nos quais o ‘eu’ do indivíduo seria cotejado em sua variedade de papéis sociais, evidenciando que este não é uniforme no tempo); multiplicidade que não derivaria apenas da transposição do indivíduo em ‘herói’ e, depois, em ‘grande homem’ como observou Dosse (2009), mas também pelo fato de que não se olhava para o passado para elencar exemplos para o presente, e sim para deduzir as leis do movimento histórico. Nesse processo, o indivíduo cumpriria um papel, e o ‘grande homem’ do XIX tomaria para si os encargos, o desafio de agir em prol do desenvolvimento. Daí a preocupação da autora em nos informar as relações entre contexto e indivíduos, indivíduos e mudança social.

<sup>3</sup> Modelo, aliás, que terá uma fortuna crítica garantida por todo aquele século, não apenas porque fora praticado por autodidatas e especialistas em outras áreas do

biografia era o mais comum de ser encontrado no mercado editorial do período e continuava sendo praticado por amadores (e, mesmo depois desse momento áureo, continuaria coexistindo com outros modelos nos mercados editoriais); e pelo qual a aversão dos historiadores se tornava ainda mais severa do que o fora no século anterior. Segundo ele, em função da crítica das Ciências Sociais e, depois, do movimento dos *Annales*<sup>4</sup> ao ídolo dos 'grandes homens', à ideia de acontecimento, à possibilidade de reconstituição de uma vida, bem como suas críticas às biografias produzidas no período, a renovação do gênero e a maior aproximação entre história e biografia só ocorreram depois dos anos 1960, por conta da reorientação do próprio movimento dos *Annales* e das alterações do mercado editorial francês.

Não por acaso, com certa razão, em meados dos anos de 1970, Pierre Bourdieu (1996, pp. 183-91) expressaria seu descontentamento com esse tipo de abordagem. Para ele, é questionável o tipo de biografia puramente cronológica e linear, que estabelece um sentido teleológico para o indivíduo, pois as peculiaridades do contexto e a especificidade da trajetória do indivíduo tornariam suas escolhas, suas ações e sua personalidade múltiplas,

---

conhecimento, mas também por suas curiosidades e anedotas continuarem a chamar a atenção de diversos públicos leitores de várias partes do mundo (SCHMIDT, 2000; DOSSE, 2009; BORGES, 2009, pp. 225-38; AVELAR, 2010, pp. 157-72).

<sup>4</sup> Mesmo se aqui considerarmos alguns casos emblemáticos, como é o de Lucien Febvre (1878-1956), que teria praticado o gênero ao estudar as trajetórias de Martinho Lutero, Felipe II e François Rabelais, ou o de Fernand Braudel (1902-1985), que teria feito uso do gênero ao estudar o Mediterrâneo e a época de Felipe II, ainda que ambos o fizessem sob perspectivas diferentes daquelas em que a biografia havia sido praticada nos Oitocentos e nas primeiras décadas do século passado, o movimento geral do grupo dos *Annales* foi um misto de crítica e de recusa de praticar o gênero biográfico em função das distinções que estes viam entre a biografia e os estudos históricos (REIS, 2000, 2003; BARROS, 2004; MATOS, 2006; AVELAR, 2010; MOTTA, 2010). Além disso, não se deve perder de vista que 'o problema' era o que definia como deviam ser estudadas as fontes, perscrutados os documentos e ser elaborada a narrativa. E esse tipo de perspectiva terá uma fortuna crítica garantida, mesmo sobre o modo como as biografias passaram a ser produzidas depois dos anos de 1960, quando houve um movimento geral de revisão da temática, inclusive no próprio interior do movimento dos *Annales*, onde os estudos biográficos passariam a ter um lugar garantido depois dos anos 1980, com sugestivas biografias como as produzidas por Jacques Le Goff.

plurais, e, em dadas circunstâncias, também contraditórias. Por esse motivo, critica o tipo de biografia voltada para a história de vida, com curso e caminho orientado e definida desde o começo, com início, meio e fim, antecipadamente estabelecidos. Em vista disso, propõe que se aborde o indivíduo de acordo com sua ação e representatividade (na constituição, organização e manutenção) nos diferentes campos (o que, evidentemente, pode proporcionar certo aprisionamento com o modelo interpretativo). Nesse sentido, o indivíduo deve ser analisado por meio de sua trajetória e essa trajetória deve ser vista de acordo com a movimentação dos indivíduos pelos campos (político, religioso, econômico, intelectual, literário). Apesar da coerência de sua postura teórica, e dos cuidados metodológicos esboçados neste texto, ao compor uma autoanálise de sua trajetória profissional, o próprio autor (BOURDIEU, 2005) não escaparia dos riscos da linearidade e da projeção de sentido, fomentada por uma perspectiva teleológica de interpretação da vida de um indivíduo.

Nos anos de 1980, desse modo, parecia fundamental refletir sobre as estratégias de ação dos indivíduos, em meio à constante coação a que lhes submetia a racionalidade dos sistemas (indicada pelo estruturalismo e, depois, também pelo pós-estruturalismo); e esse problema foi fundamental para a pesquisa e para a formulação das hipóteses de Giovanni Levi, em seus textos *A herança imaterial* (de 1985) e *Os usos da biografia* (de 1989). Como indicaria neste último texto (1996, p. 167-82), naquelas circunstâncias a biografia estaria no centro das preocupações dos historiadores, porque se recorria a ela para demonstrar a irredutibilidade dos comportamentos dos indivíduos, diante dos sistemas normativos gerais, ou então era usada para provar hipóteses concernentes às leis e regras sociais, que dirigiam qual o tipo de ação a ser adotada pelos indivíduos. Para ele, o mais importante seria refletir os jogos de escala, os esquemas de racionalidade social e as relações entre regras e práticas, com vistas a demonstrar o espaço de liberdade de ação dos atores em seu(s) contexto(s). Se Bourdieu havia notado a inevitável *ilusão biográfica*, nas tentativas de se descrever uma vida de modo cronológico e linear, e em vista disso propor o estudo das

trajetórias dos indivíduos em meio aos campos que percorreriam, Levi queria pensar a biografia enquanto um espaço, lugar de tomada de decisões, onde transparecessem as tensões entre a racionalidade dos sistemas sociais e a possibilidade (relativa) de liberdade de ação dos indivíduos. Nesse caso, para além dos campos que prescreveriam um modo de agir, em função do *habitus* do indivíduo e do grupo, propõe que também seria possível “uma considerável margem de liberdade que se origina precisamente das incoerências dos confins sociais e que suscita a mudança social” (1996, p. 182), como já havia procurado demonstrar com o estudo da trajetória de Giovan Battista Chiesa, em *A herança imaterial* (2000).

Não seria sem razão, portanto, que, a partir dos anos 1990, haveria um meticuloso cuidado metodológico dos pesquisadores, ao indicarem a maneira com que abordariam a vida de um indivíduo. A preocupação de Jacques Le Goff (1999, 2001) em expressar os caminhos e as escolhas que efetuou ao abordar a vida de São Luís e de São Francisco de Assis é apenas um exemplo entre vários possíveis. Evidentemente, não se pode deixar de lado que a necessidade deste autor de justificar o objeto pesquisado nos moldes de uma biografia também se devia ao fato de pertencer a um movimento (o dos *Annales*) que desde sua origem havia criticado (e negado) os estudos biográficos para o campo dos estudos históricos. Além do mais, como ressaltaria Dosse (2009, pp. 55-122), muitos autores no final do século passado já não viam razão para terem que justificar a pesquisa e a confecção de uma biografia. Se até o final dos anos de 1980 o gênero biográfico era objeto de críticas e reticências, mesmo entre historiadores não vinculados ao movimento dos *Annales*, na década seguinte, “os historiadores eruditos, autores de biografias, já não precisam se justificar junto a seus pares por ter escolhido esse gênero, que não constitui mais objeto de depreciação”; mas, ao contrário, “tendem a aumentar-lhe o valor” (2009, p. 104).

Mesmo assim, não se pode perder de vista, como nos lembra Jacques Revel (2010, pp. 235-48), que a biografia nunca deixou de ser um problema historiográfico, apesar do tratamento sobre o tema ser diferenciado no tempo, assim como os debates sobre a questão. Semelhante ao que fez

Levi<sup>5</sup>, Revel indica uma tipologia na qual se encontraria: a *biografia serial* (da qual a *prosopografia* é o exemplo clássico); a *biografia reconstruída em contexto*; e a *biografia reconstruída a partir de um texto*. Para ele, independentemente da escolha do tipo de biografia a ser feita, o pesquisador não poderia deixar de lado dois cuidados metodológicos: o risco de pensar uma vida enquanto uma trajetória linear, com sentido previamente estabelecido; e o perigo dessa trajetória ser definida como uma experiência coerente e sem contradições do início ao fim.

Daí, como já havia indicado Dosse (2009), a importância de se estudar o movimento do mercado editorial e as escolhas que são feitas pelos autores de biografias ao abordarem a vida de um indivíduo. Ao que poderíamos complementar: pois, com esse tipo de estudo, também é possível inquirir quais as relações que se estabeleceriam entre história e biografia (Cf. MALATIAN, 2008, pp. 16-32; LORIGA, 2011), neste tipo de produção praticada no mercado editorial nestas últimas décadas.

---

<sup>5</sup> Apesar da variedade de possibilidades que foram propostas no período para se pensar uma vida, o autor propõe uma tipologia em que se inscreve: a) a *prosopografia* e *biografia modal*; b) a *biografia e contexto*, em que a vida de um indivíduo é inscrita no período em que viveu, o que explicaria a singularidade de sua trajetória, como fez Davis com Martin Guerre ou Roche com Ménétra; mas nesse caso o contexto serve para preencher lacunas documentais; c) *biografia e os casos extremos*, nas quais a escolha dos casos a serem estudados se deve basicamente ao objetivo de esclarecer o contexto, pois se inscrevem em suas margens, como no estudo de Ginzburg sobre Menocchio; d) e a *biografia e hermenêutica*, que se inscreve num espaço dialógico entre caso, pesquisador, fontes e depoimentos; nessa perspectiva o mais importante é o próprio ato interpretativo. Mais do que inscrever aleatoriamente essa tipologia, Levi quer indicar “que deveríamos indagar mais sobre a verdadeira amplitude da liberdade de escolha”, que não é absoluta, nem “culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo no entanto uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores” (1996, p. 179). E a biografia seria o campo ideal para propor esse tipo de análise, como fez ao “estudar um minúsculo fragmento do Piemonte do século XVII, utilizando uma técnica intensiva de reconstrução das vicissitudes biográficas de cada habitante do lugarejo de Santena que tenha deixado vestígios documentados” (2000, p. 45). Esse tipo de estratégia de pesquisa, para ele, é que seria eficiente para demonstrar os espaços de liberdade de ação dos indivíduos, em meio aos sistemas sociais que os circunscreveriam e os limitariam em cada contexto.

### **A biografia no mercado editorial brasileiro**

Os estudos biográficos sempre contaram com um público leitor, ávido pelas curiosidades, às quais o mercado editorial brasileiro soube atender. Desde 1838, pelo menos, quando ocorre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e, no ano seguinte, a de sua revista, cujas iniciativas desdobraram-se na criação de congêneres estaduais – mesmo que estes em muitas situações fossem (no todo ou na parte) até contrários a ele –, o estudo de “homens ilustres” foi um dos componentes a serem pesquisados, mais destacados nas páginas da revista e no trabalho de seus associados (Cf. OLIVEIRA, 2007, 2010, 2010b). Servindo-se, em grande parte, dos modelos construídos na Antiguidade Clássica, como indicado acima, os homens de letras do Oitocentos, reunidos nessas instituições – alguns deles também ministrando aulas no *Colégio Pedro II* (criado nesse mesmo período) –, elaboravam os esboços de seus biografados, contando com as lições de Plutarco e Suetônio, mas sem, com isso, esquecerem-se das orientações de Heródoto, Tucídides, Políbio, Cícero, dentre outros. Ao lado desses modelos e autores, os homens de letras do período souberam perscrutar a produção histórica europeia do período, de modo a refletir sobre as contribuições dos antigos e as inovações dos modernos, como, dentre outros, Voltaire, Thomas Carlyle, François Guizot e Augustin Thierry (Cf. ENDERS, 2000; OLIVEIRA, 2010b, 2012), conferindo aos estudos biográficos um lugar de destaque naquele momento (Cf. OLIVEIRA, 2007, 2010).

No entanto, a publicação de livros ainda era incipiente no país, vindo a grande maioria deles da Europa, inclusive os produzidos pelos autores brasileiros, que eram editados no exterior. Essa situação só iria começar a se alterar nas primeiras décadas do século passado, quando várias iniciativas nesse gênero seriam feitas, criando as primeiras editoras no país – muitas de origem estrangeira, e/ou se desdobrando da iniciativa de livreiros que acumularam certo capital com seus empreendimentos e livrarias (Cf. HALLEWELL, 2005; DEAECTO, 2011) –; e que, nas décadas seguintes, vir-se-iam a multiplicar ainda mais, concentrando-se, particularmente, na

região Sudeste, especialmente entre São Paulo e Rio de Janeiro.<sup>6</sup> Nesse processo, o gênero biográfico não perdeu força, muito embora tenha passado a coexistir, mais regularmente, com outros gêneros, como a história dos costumes, a história política e a militar, a história religiosa e a diplomática, e uma história social e econômica ainda incipiente – mas que, a partir do final dos anos 1930, ganharia maior fôlego, com a criação das primeiras universidades e cursos de Geografia e História no país (Cf. ROIZ, 2012). Evidentemente, os estudos biográficos conviveram com outros gêneros nos Oitocentos, como o indica a produção dos homens de letras associados ao IHGB (Cf. OLIVEIRA, 2012). O que se ressalta aqui é apenas o modo pelo qual foi se desenvolvendo, gradativamente, maior diversidade de análises sobre os homens e as sociedades, a partir das primeiras décadas do século passado, as quais tornariam mais complexas as relações entre história e biografia, e o modo como as biografias passariam a ser elaboradas (Cf. GONÇALVES, 2010).

Assim, com altos e baixos, a produção de biografias se manteve ao longo de todo o século passado no país, muito embora a grande maioria delas estivesse sendo feita por amadores (homens de letras, muitas vezes formados em outras áreas: jornalistas, médicos ou advogados ou mesmo aqueles sem nenhuma formação universitária, que a praticavam como autodidatas), e não por (pesquisadores) profissionais (Cf. SCHMIDT, 1996, pp. 165-92, 2004, pp. 131-42; BORGES, 2005, pp. 203-34).

Como destaca Benito Schmidt (1997, p. 3-21), com base no *Catálogo de publicações brasileiras*, em 1994 o gênero biográfico havia tido um crescimento de 55% em relação ao período de 1987, alcançando “as vendagens dos manuais de auto-ajuda e dos livros escritos por magos, anjos e esotéricos em geral” (1997, p. 3). Desde aquele período, o gênero biográfico não deixou de ter destaque no mercado editorial brasileiro, como indicam as várias coleções criadas sobre esta temática (algumas das quais

---

<sup>6</sup> Para uma análise pormenorizada da questão, ver: MICELI, 1989, 2001; FRANZINI, 2010; VILLAS BÔAS, 2006, 2007; BRAGANÇA, ABREU, 2010.

veremos abaixo). Além da publicação constante de biografias, feitas tanto por amadores quanto por profissionais (jornalistas, cientistas sociais e historiadores), que dimensionariam não apenas a renovação do gênero e sua maior aproximação com os estudos históricos (com o uso regular de fontes para se inquirir a trajetória de vida de um indivíduo), também houve o crescimento do público especializado, que viria a se complementar com o geral.

Não é tarefa fácil a de circunstanciar todos os momentos e a representatividade que tiveram percentualmente os estudos biográficos no mercado editorial brasileiro (SCHMIDT, 1997, pp. 3-21). Tampouco é com o que nos ocuparemos aqui. Nosso objetivo é apenas o de indicar algumas *coleções* que, a partir dos anos de 1990, representariam uma onda de ascensão dos estudos biográficos no país, cujo foco estaria voltado tanto para o público especializado quanto o geral, além de serem escritos por especialistas na área. Sem aqui averiguar o conjunto das editoras que têm se dedicado a esse tema, como no caso do grupo Record (em que se encontram agrupadas as editoras Record, Civilização Brasileira, José Olympio, Difel, Bertrand Brasil, dentre outras), do Rio de Janeiro, ou da Editora Paz e Terra (que conta com 24 títulos em seu catálogo do gênero biográfico), de São Paulo, passamos a exemplificar os casos das editoras da Fundação Getúlio Vargas; da Unicamp; e da Companhia das Letras, visto que elas tiveram a preocupação de organizarem coleções tanto para o público especializado quanto o geral, além de suas biografias terem sido escritas por especialistas na área de Ciências Humanas e Sociais.<sup>7</sup>

A Editora da Fundação Getúlio Vargas, além da publicação periódica de biografias, lançaria nos anos iniciais da década de 1990 a coleção *Os que fazem a história*, que conta atualmente com 12 títulos publicados, na qual

---

<sup>7</sup> Desnecessário acrescentar que outras editoras, universitárias ou particulares, também têm participado de tal empreendimento, com a publicação de biografias em coleções ou não. Para uma análise das políticas editoriais desenvolvidas pelas editoras universitárias do país, ver BUFREM, 2001.

se apresentariam textos sobre *Henrique Morize, Ezequiel Correia dos Santos, Frei Caneca, Anchieta, Antônio Vieira, José de Alencar, João do Rio, Nair de Teffé*, dentre outros. A coleção estava voltada para o grande público, apesar das tiragens de 500 a 1000 exemplares por edição e de não deixar o perfil acadêmico dos textos (com notas, indicações bibliográficas, análise das fontes e formas de confecção da narrativa). No caso da Editora da Unicamp, destaque-se a coleção *Várias Histórias*, inaugurada em 1999, e que conta com mais de 30 títulos já publicados, dos quais cinco são do gênero biográfico, em que são analisadas as trajetórias de *Luiz Gama, Diogo Antônio Feijó, Evaristo de Moraes, Debret e Angelo Agostini*.<sup>8</sup> Diferentemente da coleção *Os que fazem a história*, a *Várias Histórias* tem perfil eminentemente acadêmico. Seus textos têm base em pesquisas originalmente apresentadas como dissertações ou teses, o que justificaria suas tiragens médias de 500 exemplares por edição, porque eminentemente voltada para um público restrito (de universitários e especialistas na área).<sup>9</sup>

Por sua vez, a Companhia das Letras já tem um histórico no gênero biográfico, com textos de ampla circulação e repercussão no mercado editorial, como: *Mauá – empresário do império*, do jornalista e cientista

---

<sup>8</sup> Textos como o de Daniela Magalhães da Silveira, *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*, e o de Fernando Antonio Mencarelli, *Cena aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista em Arthur Azevedo*, apesar de circunstanciar o perfil desses autores, não se inserem diretamente no gênero biográfico, mas não devem ser aqui deixados de lado, em função da preocupação que têm com o indivíduo e sua relação com a construção do social.

<sup>9</sup> De igual modo, a editora da Universidade Federal de Minas Gerais tem participado desse movimento no mercado editorial brasileiro e, em 2008 lançou a coleção *Intelectuais do Brasil*, na qual visava traçar o perfil dos autores escolhidos por meio de ensaios sobre suas obras e de entrevistas para circunstanciar suas características biográficas. A coleção conta com cinco títulos, com leituras críticas sobre Boris Fausto, Evaldo Cabral de Mello, Silvano Santiago, Leonardo Boff e Maria da Conceição Tavares. Seu público alvo também é de universitários e as tiragens variam entre 500 e 1500 exemplares por edição. Como seu perfil não é o de escrever biografias propriamente ditas, fica aqui sua referência em função da importância que dá a trajetória do entrevistado, bem como a forma como sua obra é avaliada.

político Jorge Caldeira, que foi lançado em 1995 (e, em 2010, encontrava-se em sua trigésima primeira reimpressão). Ao lado deste título poderiam ser elencados muitos outros<sup>10</sup>, mas nossa atenção se voltará para a coleção *Perfis Brasileiros*, inaugurada em 2006, e que é coordenada pelo jornalista Elio Gaspari e pela historiadora Lília M. Schwarcz.

Apesar de ser voltada para o grande público, de suas tiragens variarem entre 1500 e 3000 exemplares por edição, primar por textos enxutos, que dispensam o uso de notas de rodapé, nem por isso seus textos deixam de ter um perfil acadêmico. Por terem sido escritos por profissionais, cuja faixa etária estava entre os 40 e 75 anos de idade, e que possuem ampla experiência em pesquisa (na maioria dos casos, na área de História e Ciências Sociais), os textos têm o cuidado de visualizar o biografado em seu contexto; preocupando-se também em averiguar suas ações, de que maneira foi construído seu retrato para a posteridade, como foi interpretado pela historiografia e quais documentos guardaram seu registro.

Além disso, todos os textos trazem cronologias a respeito do indivíduo e do contexto nacional e internacional em que viveu; índice remissivo; e indicações e comentários a respeito da bibliografia e das fontes primárias utilizadas para a pesquisa. O texto sobre *Cláudio Manuel da Costa*, escrito por Laura de Mello e Souza, ainda traz um glossário; o sobre *Antônio Vieira*, de Ronaldo Vainfas, é o primeiro que apresenta os outros dez títulos da coleção nas páginas iniciais, além de comentar todas as biografias anteriores à sua que foram feitas do século XVIII para cá sobre o seu biografado; e os

---

<sup>10</sup> Tanto as de ampla circulação, como a biografia sobre Olga (de 1993) ou Chatô – o rei do Brasil (de 1994), ambas escritas pelo jornalista Fernando Morais, quanto as de circulação mais restrita, porque voltadas para um público mais especializado, como: *O Dom Oba II D'África príncipe do povo* (de 1997), que conta a história de Cândido da Fonseca Galvão, escrita por Eduardo Silva; *Xica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito* (de 2003), escrita por Júnia Ferreira Furtado; *Domingos Sodré, um sacerdote africano* (de 2008), escrita por João José Reis; *Traição* (de 2008), que conta a trajetória de Manoel de Moraes, escrita por Ronaldo Vainfas; ou *O alufá Rufino* (de 2010), que conta a história de Rufino José Maria, escrita por João José Reis, Flávio dos Santos Gomes e Marcus Joaquim de Carvalho.

Diogo da Silva Roiz

TABELA 1 - Distribuição de autores da coleção Perfis Brasileiros de acordo com formação, área de atuação e biografado:						
<i>Autor</i>	<i>Formação</i>	<i>Área de atuação</i>	<i>Biografado</i>	<i>Págs</i>	<i>Função</i>	<i>Lançamento</i>
Angela Alonso	Socióloga	Ciências Sociais	Joaquim Nabuco	400	Diplomata e Historiador	30/11/2007
Alberto da Costa e Silva	Diplomata	Romancista; Historiador	Castro Alves	224	Poeta	20/04/2006
Boris Fausto	Historiador	Historiador; Advogado	Getúlio Vargas	264	Político	20/04/2006
Evaldo Cabral de Mello	Diplomata	Diplomata; Historiador	Nassau	320	Político	20/04/2006
Isabel Lustosa	Cientista Política	Historiadora; Ensaísta	D. Pedro I	368	Imperador	20/04/2006
Jos Murilo de Carvalho	Cientista Político	Historiador; Cientista Político	D. Pedro II	296	Imperador	30/04/2007
Laura de Mello e Souza	Historiadora	Historiadora	Cláudio Manuel da Costa		Poeta	09/03/2011
Francisco Doratioto	Historiador	Historiador	General Osório	280	Militar	05/05/2008
Joaquim Ferreira dos Santos	Jornalista	Jornalista	Leila Diniz	312	Atriz e Modelo	24/10/2008
Todd A. Diacon	Historiador	Historiador	Rondon	240	Militar	11/12/2006
Ronaldo Vainfas	Historiador	Historiador	Antônio Vieira	330	Padre e Jesuíta	25/10/2011

Fonte: Coleção Perfis Brasileiros da Editora Companhia das Letras: ALONSO, A. Joaquim Nabuco: os salões e as ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; CARVALHO, J. M. D. Pedro II: ser ou não ser. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; COSTA E SILVA, A. Castro Alves: um poeta sempre jovem. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; DIACON, T. A. Rondon: o marechal da floresta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; DORATIOTO, F. General Osório: a espada liberal do Império. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; FAUSTO, B. Getúlio Vargas: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; LUSTOSA, I. D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; MELLO, E. C. Nassau: governador do Brasil holandês. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; MELLO E SOUZA, L. Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; SANTOS, J. F. Leila Diniz: uma revolução na praia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; VAINFAS, R. Antônio Vieira: jesuíta do rei. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

sobre *Getúlio Vargas* e *Castro Alves* apresentam todas as referências bibliográficas utilizadas – estratégia de citação, aliás, que não aparecerá nos textos seguintes da coleção, provavelmente, porque seus os editores e coordenadores teriam visto neste referencial uma projeção deliberadamente acadêmica, o que tornaria mais difícil, e menos didático, o acesso de um público menos especializado.<sup>11</sup> Todos os textos ainda contam com um caderno de imagens, com 25 a 50 imagens do biografado, de pessoas próximas a ele, com ele, de lugares e feitos. No entanto, na maioria dos casos, as imagens são meras ilustrações, com pouca ou nenhuma conexão direta com a narrativa.<sup>12</sup>

Todas as coleções, como vimos, possuem em comum o fato de estarem voltadas para públicos gerais e especializados, serem seus textos escritos por especialistas na área, a maioria deles feitos por homens, assim como seus biografados. Nesse sentido, o quadro abaixo demonstra a distribuição de autores da coleção *Perfis Brasileiros*, da Editora Companhia das Letras, tendo em vista sua formação e atuação, assim como a dos seus biografados.

Com base no quadro acima, podemos verificar que a maioria dos textos da coleção *Perfis Brasileiros* foi escrita por historiadores (9 dos 11 até aqui publicados). Os textos estão distribuídos entre 220 e 400 páginas, sendo que 5 foram lançados em 2006, 2 em 2007, 2 em 2008 e 2 em 2011. A maioria dos biografados exercia a função de político (5 dos 11, aqui incluímos Nabuco e os dois imperadores), 2 foram militares, 2 poetas, 1 clérigo e 1 atriz/modelo. A maioria dos biografados também era do sexo masculino, 10 dos 11, assim como seus autores, 8 dos 11. Além disso, dois viveram no século XVII (Nassau e Vieira), um no XVIII (Cláudio Manuel da Costa), quatro no XIX

---

<sup>11</sup> Todos esses pontos fazem parte das estratégias editoriais de comporem certos padrões de práticas de leitura, nos quais apresentação gráfica, prefácios, notas, gráficos, imagens fazem parte do rol de técnicas e mecanismos utilizados para regular a leitura; e, muito embora apareçam no texto, são pouco percebidos por seus leitores, que, em geral, desconhecem a sua função. Para maior detalhamento desta questão, ver TSCHICHOLD, 2007; GENETTE, 2009.

<sup>12</sup> Além do mais, os livros encontram-se distribuídos tanto em capítulos mais longos, variando de cinco a oito, quanto em curtos e curtíssimos, variando de 19 a 58.

(D. Pedro I, D. Pedro II, Castro Alves e Joaquim Nabuco) e quatro no XX (Rondon, General Osório, Leila Diniz e Getúlio Vargas).

A primeira vista, as biografias parecem dar maior ênfase ao exemplo, ao anedótico, para construir o *perfil* dos biografados, como podemos ver no caso de Castro Alves, visto como *um poeta sempre jovem* (morrera com pouco mais de 20 anos e seus versos permaneceriam atuais até hoje); de D. Pedro I, como *um herói sem nenhum caráter* (por sua promiscuidade, vícios e descuidos com a coisa pública); do General Osório, como *a espada liberal do Império*; de Rondon, como *o marechal da floresta*; de Nassau, como *governador do Brasil holandês*; de Antônio Vieira, como *jesuíta do rei*; pelo *sorriso enigmático* de Getúlio Vargas; ou pela tensão vivida por D. Pedro II, entre *ser o imperador Pedro II ou apenas o cidadão comum Pedro d'Alcântara*. Mas, como veremos, as biografias não se limitariam apenas a isso, pois também tiveram a preocupação de identificar as contradições das personalidades, os dilemas pessoais e profissionais, assim como o retrato que 'fizeram de si' e que outros fizeram delas. Além disso, há que se ressaltar que seus autores procuraram escrever suas biografias pautados em anos de pesquisa sobre o período em que viveram seus respectivos biografados, e tal experiência lhes propiciou inquirir tanto a época quanto seus biografados, com base em certos problemas. Desse modo, a experiência com os objetos e a importância que tiveram os atores sociais em seus respectivos contextos (escolhidos para serem biografados) além de serem um dos indicadores de suas escolhas para a coleção, também refletem o modo como o gênero biográfico vem se alterando nas últimas décadas. Por sua vez, além da escolha do biografado estar pautada em anos de pesquisa de seus autores, que utilizariam do procedimento biográfico para problematizarem tanto o contexto quanto as ações de seus atores sociais, a própria escolha dos autores da coleção também não tem sido casual, como demonstra o perfil profissional de cada um, minuciosamente selecionado pelos coordenadores da coleção.

Evidentemente, a análise do conjunto de características aqui elencadas sobre os autores e seus biografados não nos permite visualizar

de que maneira apreenderam as discussões sobre história e biografia em seus textos. Na impossibilidade de verificá-las em todos eles, procuraremos estudá-las nas biografias de *D. Pedro II*, escrita por José Murilo de Carvalho, e de *Getúlio Vargas*, escrita por Boris Fausto.

### **Perfis brasileiros: os casos de D. Pedro II e de Getúlio Vargas**

A escolha das biografias se deve não apenas à importância que tiveram os biografados na época em que viveram (D. Pedro II reinou por quase 50 anos, e Vargas esteve na presidência do país por 18), mas também ao ‘retrato que fizeram de si’ e àquele que foi construído por letrados, pela imprensa, por biógrafos, e que se fixaram na ‘memória coletiva’ e perduraram pela posteridade: a exemplo de D. Pedro II como o “imperador letrado” ou de Getúlio Vargas como o “pai dos pobres”. Por outro lado, os autores dos textos possuem uma extensa experiência em pesquisa, com décadas de prática. Boris Fausto<sup>13</sup> escreveu seu texto com mais de 70 anos e José Murilo de Carvalho,<sup>14</sup> com mais de 60. Ambos têm experiência em pesquisa em História e em Ciências Sociais e possuem uma sólida produção historiográfica, notadamente reconhecida pelos pares. Por certo, isso também vale para os

---

<sup>13</sup> É autor de *A revolução de 1930; Trabalho urbano e conflito social; Crime e cotidiano; Historiografia da imigração para São Paulo; História do Brasil; História concisa do Brasil; Negócios e ócios; O pensamento nacionalista autoritário (1920-1945); Memória e história; O crime do restaurante chinês; Memórias de um historiador de domingo*. Além de ter coordenado a publicação da *História Geral da Civilização Brasileira*, para o período Republicano, e de ter organizado os livros *Imigração e política em São Paulo e Fazer América*. Publicou ainda com Fernando Devoto *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. Sua obra já foi alvo de estudo crítico em *Leituras críticas sobre Boris Fausto (de 2008)*. Alguns de seus livros encontram-se traduzidos para o espanhol e o inglês.

<sup>14</sup> É autor de *Teatro das sombras; A construção da ordem; Os bestializados; A formação das almas; Pontos e bordados; Cidadania no Brasil: o longo caminho; A escola de minas de Ouro Preto; Forças Armadas e política no Brasil*. Além de ter organizado os livros *Nação e cidadania no Império e Repensando o Brasil dos Oitocentos*, e as edições sobre *Visconde do Uruguai* e sobre *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. Publicou ainda com Leslie Bethell *Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos*. Alguns de seus textos encontram-se traduzidos para o espanhol e para o inglês.

outros autores da coleção, como já indicamos acima. E o que justificou nossa escolha dos textos em pauta, além da importância que tiveram os biografados em seus respectivos contextos, sendo modelos de estadistas e considerados os políticos mais importantes tanto do período Imperial quanto do Republicano, foram as estreitas rupturas que causaram e as continuidades e descontinuidades que houve entre um e outro.

Em ambos os textos, os biografados percorrem caminhos parecidos: como ‘heróis’ da nação, *D. Pedro II* por garantir a unidade nacional e *Vargas* pela centralização do Estado, conduta com os trabalhadores urbanos e aprovação de leis (como a CLT); e como ‘grandes homens’, pela habilidade com que trataram a coisa pública e se fizeram estadistas modelos para o Estado. Mas, ao lado dos homens públicos *exemplares*, estaria coexistindo personalidades contraditórias, frágeis e enigmáticas, que se manifestariam amplamente no espaço privado, entre os mais próximos, e em seus diários e correspondências. Assim, para os autores, a exposição de detalhes da vida íntima, de anedotas, de características físicas e emocionais, ao lado da análise do contexto em que viveram e fizeram suas escolhas, serviria-lhes para identificar a multiplicidade de ações, a pluralidade dos gestos e as contradições de suas personalidades. O vívido retrato que ambos procuraram elaborar de seus biografados, evidentemente, também expressa a empatia que os autores têm por eles, apesar de ambos terem sido críticos de seus biografados, em obras anteriores.

Para José Murilo de Carvalho, *D. Pedro II* foi educado para ser o monarca perfeito, cuidar com zelo da coisa pública, amar o Brasil, ser leal à Nação, e, em todas essas questões, teria sido um exímio praticante. Para Boris Fausto, *Vargas* trouxe uma conduta mais ética para a presidência, lidando com maior transparência com orçamento do Estado e contribuindo diretamente para a promoção da industrialização, para a aprovação de leis e a criação de novos ministérios. Apesar dos ‘defeitos’ não deixarem de serem retratados (as relações amorosas de *D. Pedro II*, em especial, com a Condessa de Barral e as ações ditatoriais de *Vargas*), em ambos os casos prevaleceram as qualidades dos biografados. Para Carvalho, *D. Pedro II*

“incorporou os hábitos de disciplina e pontualidade”; tinha paixão pelos livros, viagens e pelas culturas; foi apaixonado pelo país, demonstrando tal afeto nos momentos decisivos em que teve de defender a Nação contra conflitos internos ou externos; foi contra o trabalho escravo, apesar da aversão que lhe demonstravam o Senado e a Câmara dos Deputados sobre a questão; sendo verdadeiramente um exemplo de estadista e de cidadão. Para Fausto, Vargas soube conduzir o país com austeridade, apesar do autoritarismo; “inaugurou no Brasil as presidências carismáticas”; fez de si a imagem de uma época, a era Vargas, e de seu estilo de governar uma marca, o populismo; fez o país entrar em novo patamar de desenvolvimento econômico, educacional e social; e foi figura central mesmo quando não esteve no poder, por propiciar a criação de partidos, ‘pró’ e ‘contra’ ele.

Depois de feito este rápido painel das obras é necessário nos voltarmos para a maneira com que cada um deles tratou o tema. José Murilo de Carvalho refez a trajetória de D. Pedro II perscrutando as tensões vividas pelo personagem, entre *ser o imperador Pedro II ou apenas o cidadão comum Pedro d’Alcântara*, ao longo de 31 capítulos curtos. Boris Fausto abordou a trajetória de Getúlio Vargas tendo em vista seu *sorriso enigmático*, que, aliás, mais o era na medida em que o biografado se adentrava e se apropriava dos mecanismos de exercício do poder político, ao longo de cinco longos capítulos. A primeira vista poderá parecer trivial a aproximação do texto de Carvalho com a abordagem de Carlo Ginzburg (1987), ao tratar de Domenico Scandella, dito Menocchio, e o de Fausto com a análise de Giovanni Levi (2000), ao perscrutar a trajetória de Giovan Battista Chiesa. No entanto, tal aproximação apenas é perceptível no que diz respeito a algumas semelhanças com o trato que deram ao indivíduo e ao contexto, e com a divisão dos capítulos, pois, fora isso, as obras em pauta têm significativas diferenças. Carvalho não deixa de lado o uso intenso do contexto para aventar hipóteses sobre as ações e as decisões tomadas por D. Pedro II, em determinados contextos políticos ou em momentos decisivos de sua vida privada. Apesar de Fausto procurar reconstituir a trajetória de Vargas, ao lado da de outros indivíduos do período, sua preocupação foi

mais a de demonstrar como o biografado conseguiu juntar diferentes projetos políticos e culturais numa plataforma comum para a construção de um estado centralizador, notadamente no período do Estado Novo (1937-1945). Por outro lado, em nenhum momento Carvalho expressou sua aproximação com a micro-história italiana e a obra de Ginzburg, enquanto Fausto o fez apenas quando abordou *O crime do restaurante chinês*, em 2009, e indicou sua inspiração na obra de Ginzburg para tratar do tema. Saliente-se, entretanto, que neste caso o autor conferiu destaque aos procedimentos da micro-história, por estudar o processo-crime do restaurante, porque, de fato, em sua proposta não fez uma biografia a respeito dos sujeitos envolvidos na questão.

No que diz respeito à historiografia, ambos procuram detalhar como os biografados foram tratados em outros textos, inclusive, elencando outras biografias foram feitas sobre eles. Ambos também se preocupam em detalhar como se utilizaram das fontes documentais e as articularam com a historiografia. Carvalho demonstra a originalidade com que trata do tema, ao fazer amplo uso das correspondências públicas e privadas de D. Pedro II, que expressam as tensões vividas pelo indivíduo ao longo de toda a sua regência. Fausto nos indica as peculiaridades de Vargas, ao reconstituir de modo muito original o contexto em que viveu o biografado, atentando para suas decisões, escolhas e a própria alteração que promoveu sobre o contexto em que viveu. Apesar de ambos terem a preocupação de indicarem como os biografados se relacionaram, conviveram e até mudaram seus contextos, identificando a formação de seus perfis e as complexidades e contradições de suas personalidades, não há como deixar de lado certo tom teleológico nos dois casos: ao ser pontuada, por Carvalho, a tensão de D. Pedro II em *ser ou não ser* e ao ser indicado, por Fausto, o *enigmático sorriso* de Vargas na medida em que adentrava nos meandros do poder.

Isso não quer dizer que os textos tenham um mérito menor por fazerem isso, mas sim que mesmo as aproximações entre história e biografia, que possibilitaram um uso mais sistemático da documentação para se elaborar a análise da trajetória de um indivíduo, não resultaram, ao mesmo

tempo, em riscos menores de isso ser feito sem que se visualize, quase que automaticamente, um sentido prévio à vida do biografado. Como podemos ver em toda a coleção aqui analisada, a escolha de seus personagens foi definida em função do papel que exerceram para propiciar a construção do Estado e da Nação no Brasil. Alguns foram selecionados por fazerem parte de uma instituição militar ou religiosa – a exceção do caso de Leila Diniz –, e que os tornaram ‘grandes homens’ em suas respectivas épocas, do que personagens anônimas. Ainda que procurem caracterizar as relações que os biografados exerceram com as massas em suas respectivas épocas, nem por isso deixam de ter em pauta que o movimento da história se fazia pela maneira como estes definiam suas ações e escolhas, quando muito com o auxílio das massas, mas mesmo à revelia delas o processo manteria seu ritmo regular (ao menos na maioria dos casos analisados nas biografias).

Por isso, a problemática circunstanciada no caso das biografias de Pedro II e Vargas demonstra como seus autores procuraram, além de rever apontamentos feitos em obras anteriores, inquirir o contexto em que viveram seus biografados. Como Pedro II pôde ser um “estadista letrado”, como Vargas veio a se tornar um “estadista carismático”, são as questões-chave a que ambos autores se dedicaram responder em suas obras. De certo modo, isso também vale para as outras obras da coleção, pois foi o problema, mais que o contexto ou o indivíduo, que justificou a escolha do biografado, o que se fez também em função da experiência acumulada de cada um de seus autores. Além disso, a coleção expressa o amadurecimento da pesquisa histórica no país. Enquanto entre o final do século XIX e nas primeiras décadas do XX estas eram feitas, em sua grande maioria, por autodidatas, amadores ou por profissionais formados em outras áreas, as biografias produzidas depois dos anos de 1980 foram, cada vez mais, produzidas por pesquisadores profissionais (apesar do amadorismo não ter deixado de coexistir no mercado editorial brasileiro). Nesse sentido, a coleção reflete o movimento em torno da profissionalização das Ciências Humanas que ocorreu no país, a partir dos anos 1930, e seus textos representam um momento de avaliação dos autores não só das relações

Diogo da Silva Roiz

entre história e biografia, mas antes de seus próprios objetos de pesquisa e das problemáticas que nortearam seus trabalhos ao longo do tempo.

### **Considerações Finais**

Portanto, vimos como os estudos biográficos voltaram a ser alvo de interesse do mercado editorial nacional e internacional, como se desenvolveram sua variedade e inserção no mercado editorial e de que maneira história e biografia foram apreendidas pelos autores das biografias da coleção *Perfis Brasileiros*, da Editora Companhia das Letras, de São Paulo.

Vimos ainda como a biografia surgiu, senão oposta, ao menos consideravelmente afastada da história, e foi, aos poucos, se aproximando desta, ao intercalar a elaboração do perfil do biografado por meio dos detalhes ínfimos, dos exemplos, das peculiaridades e anedotas, até suas relações com o contexto em que viveu, a partir da análise dos documentos que deixaram seu registro. Donde exemplos anedóticos e análise histórica aproximar-se-iam para compor as biografias, principalmente as produzidas a partir das décadas finais do século passado. Vimos também como as biografias de cunho cronológico e linear, apesar de fortemente criticadas pela historiografia, não deixaram de ser praticadas; além disso, coexistem com outras formas e modalidades de biografia.

Nesse sentido, a coleção selecionada para este estudo reflete o movimento e as alterações tanto do mercado editorial e de trabalho quanto da profissionalização das Ciências Humanas no país. Enquanto nos Oitocentos tal movimento ocorria em função do empreendimento dos homens de letras reunidos ao redor do IHGB, que então centralizava as iniciativas e as pesquisas nessas áreas, ao longo do século passado os espaços de produção da pesquisa histórica foram ao mesmo tempo sendo diversificadas (para outros locais de produção e associações) e centralizadas nas universidades, que passaram a ter o papel de formar esses profissionais para o exercício do ofício. Evidentemente, o caso estudado não manifesta o

conjunto do mercado editorial brasileiro, mas indica algumas das características presentes nas coleções voltadas para públicos especializados e gerais, como é o caso da *Perfis Brasileiros*. Na qual, espaço público e privado, exemplo anedótico e análise histórica, contexto e personagem, imaginação (controlada e regulada pelas fontes) e análise documental convivem, ainda que numa tensão dialética, para construir o *perfil* de seus biografados.

### **Bibliografia**

#### **1 – Textos da Coleção Perfis Brasileiros:**

- ALONSO, A. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARVALHO, J. M. D. *Pedro II: ser ou não ser*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COSTA E SILVA, A. *Castro Alves: um poeta sempre jovem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DIACON, T. A. *Rondon: o marechal da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DORATIOTO, F. *General Osório: a espada liberal do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FAUSTO, B. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LUSTOSA, I. D. *Pedro I: um herói sem nenhum caráter*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MELLO, E. C. *Nassau: governador do Brasil holandês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MELLO E SOUZA, L. *Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SANTOS, J. F. *Leila Diniz: uma revolução na praia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Diogo da Silva Roiz

VAINFAS, R. *Antônio Vieira: jesuíta do rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

### Outras Referências

- AVELAR, A. S. "A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões", *Revista Dimensões*, UFES, Vitória, v. 24, 2010, p. 157-72.
- BARROS, J. C. A. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- BORGES, V. P. "Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia", in PINSKY, C. B. (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-34.
- \_\_\_\_\_. "O "eu" e o "outro" na relação biográfica: algumas reflexões", in NAXARA, M., MARSON, I., BREPOHL, M. (org.) *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 225-38.
- BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica", in FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 183-91.
- \_\_\_\_\_. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (org.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- BUFREM, L. S. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo: Edusp; Com-Arte; Curitiba: UFPR, 2001.
- BURKE, P. "A invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista", *Revista Estudos Históricos*, FGV, v. 10, n. 19, 1997, p. 83-98.
- \_\_\_\_\_. *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- CALDEIRA, J. *Mauá – empresário do Império*. 31ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DEAECTO, M. M. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: Edusp, 2011.

- DEL PRIORI, M. "Biografia: quando o indivíduo encontra a história", *Topoi*, v. 10, n. 19, 2009, p. 7-16.
- DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.
- ENDERS, A. "O Plutarco brasileiro": a produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado", *Estudos Históricos*, v. 14, n. 25, 2000, p. 41-62.
- FRAGOSO, J.; GOUVÊA, M. F. (org.) *Na trama das redes: política e negócio no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- FRANZINI, F. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.
- FURTADO, J. F. *Xica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria B. Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, A. C. (org.) *Leituras críticas sobre Boris Fausto*. Belo Horizonte/MG: Editora da UFMG, 2008.
- GONÇALVES, M. A. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octavio Tarquinio de Sousa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª Edição. São Paulo: Edusp, 2005.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, J. *São Luís – biografia*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- \_\_\_\_\_. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEVI, G. "Usos da biografia", in FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 167-82.

Diogo da Silva Roiz

- \_\_\_\_\_. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LORIGA, S. *O pequeno X: da biografia à história*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. A biografia como problema. In: REVEL, J. (org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 225-49.
- MALATIAN, T. M. "A biografia e a história", *Cadernos Cedem*, v. 1, 2008, p. 16-32.
- MATOS, J. S. "Lucien Febvre e a quádrupla herança: aspectos teóricos do campo biográfico", *Biblos*, Rio Grande, n. 20, 2006, p. 165-78.
- MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989, 2v.
- MOMIGLIANO, A. *The development of greek biography*. Cambridge: Cambridge University, 1993.
- MOTTA, M. S. "O relato biográfico como fonte para a história", *Vidya*, Santa Maria (RS), n. 34, 2010, p. 101-22.
- OLIVEIRA, M. G. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- \_\_\_\_\_. "Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista", *Varia História*, UFMG, v. 26, n. 43, 2010, p. 283-298.
- \_\_\_\_\_. "Fazer história, escrever a história: sobre as figurações do historiador no Brasil oitocentista", *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, n. 59, 2010b, p. 37-52.
- \_\_\_\_\_. "Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839-1850)", *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2007, p. 154-178.
- REIS, J. C. *História e Teoria. Historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Escola dos Annales. A inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- REIS, J. J.; GOMES, F. S.; CARVALHO, M. J. M. *O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (1822-1853)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- REIS, J. J. *Domingos Sodré, um sacerdote africano. Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- REVEL, J. "A biografia como problema historiográfico", in *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba/PR: Editora UFPR, 2010, p. 235-48.
- ROIZ, D. S. *Os caminhos (da escrita) da História e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968)*. Curitiba/PR: Editora Appris, 2012.
- SCHMIDT, B. B. "Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica", *História Unisinos*, v. 8, n. 10, 2004, p. 131-42.
- \_\_\_\_\_. (org.) *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- \_\_\_\_\_. "Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos", *Estudos Históricos*, FGV, v. 10, n. 19, 1997, p. 3-21
- \_\_\_\_\_. "O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação", *Anos 90*, UFRGS, v. 6, 1996, p. 165-92.
- TSCHICHOLD, J. *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- SILVA, E. *O Dom Obá II D'África príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VAINFAS, R. *Traição: um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VILLAS BÔAS, G. *Mudança provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Diogo da Silva Roiz

\_\_\_\_\_. *A vocação das ciências sociais: um estudo de sua produção em livros do acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.